

Schirley P. França e a *artesanaria do cuidar*: Memórias de uma mãe bonequeira de muitos filhos e bonecos

Daniela Rosante Gomes

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (Florianópolis, SC)

Schirley P. França

Universidade Federal Fluminense / *Companhia Carroça de Mamulengos*



Figura 1 – Schirley P. França. Foto: Bené França.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2595034702232020146>

Resumo: Shirley P. França atua no campo das Artes Cênicas, Educação, Literatura e Cultura Popular como atriz, educadora, bonequeira, contadora de histórias e brincante. Matriarca da trupe familiar *Companhia Carroça de Mamulengos* percorre o Brasil há 43 anos promovendo Arte e Cultura. Este artigo apresenta uma entrevista com Schirley P. França, abordando sua trajetória e vivências ao longo da jornada como artista e mãe, desde a infância e a influência das mulheres da família, passando pelas aventuras teatrais da adolescência, os longos anos com a *Carroça de Mamulengos* e o sonho de formar-se na universidade, que foi conquistado neste ano de 2020.

Palavras-chave: Schirley P. França. *Carroça de Mamulengos*. Artesania do cuidar.

**Schirley P. França and the *artesanía* of caring:
Memories of a mother puppeteer of many children and puppets.**

Abstract: Shirley P. França works in the field of Performing Arts, Education, Literature and Popular Culture as an actress, educator, puppeteer, storyteller and *brincante*. Matriarch of the family troupe *Companhia Carroça de Mamulengos* has traveled Brazil for 43 years promoting Art and Culture. This article presents an interview with Schirley P. França, addressing her trajectory and experiences along the journey as an artist and mother, since childhood and the influence of women in the family, going through the theatrical adventures of adolescence, the long years with the *Carroça de Mamulengos* and the dream of graduating from university, which was achieved in 2020.

Keywords: Schirley P. França. *Carroça de Mamulengos*. *Artesania* of caring.

Na tarde de 11 de junho de 2020, em plena pandemia de *Covid-19*, tenho a alegria e a honra de entrevistar Schirley P. França¹ (Figura 1), atriz, brincante, bonequeira e matriarca de uma família artista que há 40 anos iniciou sua trajetória mambembe percorrendo os rincões de um Brasil de Brasis: a *Companhia Carroça de Mamulengos*. O contexto da entrevista se dá a partir da pesquisa de doutoramento² que desenvolvo sobre a família e que se intitula: *Companhia Carroça de Mamulengos: Poéticas, convivências e memórias nas vozes de quem viveu e conta suas histórias*.

Nosso encontro se deu através de um programa de videoconferência chamado *Zoom*. Eu em Minas Gerais, na cidade de Uberlândia, já visitada algumas vezes pela *Carroça de Mamulengos*. Ela em sua residência em Maricá, Niterói, no Rio de Janeiro. Ambas em isolamento social. Unidas por vínculos afetivos construídos nas convivências e aventuras presenciais e também virtuais ao longo de quase quatro anos de pesquisa, falamos com intimidade sobre vários assuntos que atravessam a história de vida dessa artista e educadora, mãe de oito filhos e avó de quatro netas! Uma delas ainda no útero de uma das tantas mães dessa grande família, que segue crescendo...

Schirley é uma educadora em eterno processo de formação, e, neste exato momento, encerra o ciclo de realização de um sonho: formar-se na universidade!³ Durante mais de três horas ela me conta histórias que entrelaçam uma vivência em que Arte, Vida e Sonhos não se separam. Compartilha as memórias das mulheres de sua infância, remetendo à sua ancestralidade e, ao se lembrar das costuras da mãe e da avó, apresenta as primeiras mestras de

¹ Schirley P. França é a forma que a entrevistada me pede para grafar seu nome.

² Pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade Estadual de Santa Catarina sob a orientação da Professora Dra. Tereza Mara Franzoni. Tem sido realizada a partir de situações de convivência com e entre os sujeitos de pesquisa e através da História Oral, tal como entendida por Meihy (MEIHY, 2005; MEIHY, HOLANDA, 2011).

³ Schirley está no último semestre do Curso de Pedagogia na Universidade Federal Fluminense, escrevendo uma monografia onde relata suas memórias e reflexões sobre uma *pedagogia* nascida na prática de processos educacionais desenvolvidos durante a trajetória de sua vida de mãe e artista itinerante na *Companhia Carroça de Mamulengos*. Uma pedagogia desenvolvida de forma especial, aprimorada no nascimento de cada filha e filho, todos alfabetizados por ela mesma em tempos em que não se falava do sistema de educação domiciliar (*homeschooling*).

suas *artesanias*⁴. Conta também suas aventuras teatrais na adolescência, quando era aprendiz de manicure e ajudava a mãe, viúva e manicure mestra, a cuidar dos três irmãos mais novos, fazendo suas primeiras descobertas em cena como atriz.

Recorda também o antigo sonho da humanidade de sair pelo mundo afora... sonho também cultivado pela menina candanga de Taguatinga, então uma jovem periferia da capital brasileira recém instalada no Planalto Central. Sonho que se torna realidade... Recorda então suas itinerâncias, compartilhando sobre o encontro e a trajetória de vida e Arte com o antigo companheiro, Carlos Gomide, fundador e pai da Companhia *Carroça de Mamulengos*, que ela reconhece como mentor intelectual e artístico da família e a quem considera seu grande mestre.

Daniela: [...]⁵ Você se entende como uma bonequeira?

Schirley: É... Sim! Me acho uma bonequeira em vários aspectos, porque se você pensar em termo de profissão, eu vivo de um trabalho com uma boneca gigante⁶. É um trabalho que me pertence e que eu pertencço ao trabalho. É um pertencimento que foi construído. Ao longo dos anos. Então é um primeiro ponto. Então eu sou uma boneca, porque eu já brinco uma boneca gigante. Tenho essa função. Me dei essa função e foi ofertada a mim uma função: a boneca nasceu para que eu pudesse fazer dela uma boneca, para que eu pudesse dar a vida para ela. [...] E me sinto bonequeira por ser uma forma de Arte, de expressão,

⁴ A palavra *artesanía* tem o mesmo significado de artesanato, referindo-se à obra feita por artesã e ou artesão. Eu a ouvi pela primeira vez quando Schirley me mostrava as Bandeiras do Divino Espírito Santo que ela produzia quando fui à sua casa pela primeira vez em outubro de 2016. As bandeiras são como um estandarte, produzidas em tamanhos e ornamentos diversos. Além das bandeiras, havia outras marcas das *artesanias* de Schirley pela casa, como os delicados arabescos e outras pinturas decorando as paredes, ou as almofadas, bonecas, brinquedos e um sem número de materiais de artesanato em uma estante no pequeno quarto que funciona como ateliê.

⁵ Ao utilizar os colchetes com reticências ao longo do texto dessa forma [...] estou indicando a supressão de falas no trabalho de edição da entrevista. Também utilizo colchetes para tecer comentários e explicações que considero importantes, como uma forma de enriquecer os elementos que dão a conhecer melhor os conteúdos envolvidos, assim como as manifestações vocais, gestuais, de pausa e ritmo de fala que geralmente se perdem quando passamos da linguagem oral à escrita.

⁶ A boneca gigante chama-se Felicidade, e sua história será contada mais a frente, nesta entrevista.

uma forma de um movimento artístico que é, no meu sentir, um dos mais poéticos, sensíveis que pode existir. Nas formas animadas você dá vida! [...] Se eu animar o lápis, ele vai se tornar um objeto animado. Ele vai ter o meu ânimo, a minha *anima*, a minha alma dentro do boneco. Então eu vou trabalhar ali, ali a minha arte, minha arte bonequeira. [...] Então é uma forma de expressão, de cultura e de comunicação e de Arte que me encanta profundamente. Foi um dos motivos que me levou a buscar essa trajetória dessa universidade [...] e de buscar esse regional... de me encaminhar ao seio da Cultura Popular brasileira. Foi a busca pelo Teatro de Bonecos. Para ver esses mestres, para intuir, entender... como é que vivem essas pessoas? como são? como elas conseguem dar vida a esses bonecos? que vida é essa, antes do boneco ter vida? Então é uma coisa que me comoveu e comove até hoje. Bonequeira também porque se esse negócio não estiver dando certo eu *boto um boneco*, porque no Nordeste se faz assim: *você está muito bonequeira!* Bonequeira é aquele negócio de você chegar e *botar boneco*. *Botar boneco* é arrumar uma discussão, defender um argumento, defender um sonho, defender uma utopia. [...]

Daniela: Eu lembro de um texto no folder da Caixa Cultural. [...] Vocês apresentaram *Pano de Roda* e eu trouxe esse folder, que tem uma coisa muito bonita [...] Maria conta a história: “minha mãe se apaixonou pelos bonecos e pelo bonequeiro” (GOMIDE, 2017). [...] Você já me trouxe dessa forma também, que a paixão pelos bonecos foi uma coisa assim...

Schirley: Arrebatadora! [Risos] eu tive minha experiência anterior à *Carroça* [...] Também tive meu histórico no *Teatro Amador*, em Brasília. Em Taguatinga. Eu tive experiência com bonecos de fio. Conheci Afonso Miguel, que inclusive desencarnou esse ano. O Afonso Miguel Aguiar⁷, do *Mamulengo Fantochito*, tinha um trabalho muito especial com bonecos de fio. As marionetes

⁷ Afonso Miguel foi um mestre bonequeiro que criou o primeiro grupo de Teatro de Bonecos de Teresina em 1975, o Mamulengo Fantochito, tendo sido um grande incentivador do desenvolvimento desta manifestação no estado do Piauí. Levou os bonecos pelo mundo e se dedicou ao trabalho de transmitir a arte bonequeira a todos que desejassem aprendê-la.

de fio. Antes de eu me casar com Carlos, eu conheci o Nini⁸, lá no festival em São Luís do Maranhão, no Nordeste... Pernambuco. Fizemos um curso com Nini, de Teatro de Sombras. Então essas linguagens de Teatro de Bonecos foram me enlaçando, me trazendo desejos, anseios de conhecimentos... sonhos... sombras e luzes. [...] Em Brasília, com a experiência dos artistas plásticos, o próprio José Regino⁹ é uma pessoa fundamental na minha formação. Ele vem com um projeto de Artes Plásticas onde nós montamos um espetáculo com bonecos: *Circo Girassol*. Antes do circo nós montamos um trabalho com o grupo *Retalhos*, em que o Zé Regino fazia o mágico, de marote. Era um boneco mágico e eu era a *partner* desse mágico, e atuava como uma atriz amadora, ajudando esse mágico a fazer a parte dele. [...] Mas o que acontecia? Montamos o *Circo Girassol* depois e ele não completou. A gente não se sentiu completo com o circo. Nós estávamos jovens, urbanos, fazendo ensino médio em Taguatinga no Centro Oeste do Brasil. Muitos de nós não tínhamos contato - como eu - com circo. Eu nunca tinha vivenciado um pano de roda, no circo do interior do Brasil. Então, estávamos falando de uma coisa que não vivenciamos. É a grande diferença dos mestres mamulengueiros, babauzeiros. Quando eles colocam uma luta de classe em cena ou uma luta de uma liga camponesa, eles estão vivenciando isso nas suas práticas cotidianas. A questão da terra, da falta de água, as questões agrárias, os movimentos sociais estão junto com os mestres mamulengueiros, babauzeiros do interior do Brasil. Eles fazem o quê? Uma sociedade em forma de bonecos!¹⁰ E nós, lá em Brasília, na época, queríamos fazer um circo, *Circo Girassol*, que era mambembe. Tinha o quê, um equilibrista,

⁸ Valmor Níni Beltrame é doutor em Teatro, diretor teatral, bonequeiro e pesquisador na área do Teatro de Animação. Foi professor nessa área na Universidade Estadual de Santa Catarina até se aposentar, realizando imensa contribuição na expansão dos estudos e das práticas das Artes do Teatro de Animação, dentro e fora da academia e do Brasil.

⁹ José Regino de Oliveira é ator, palhaço, arte educador, bonequeiro, diretor, cenógrafo e figurinista, considerado como uma figura importante na história do teatro em Brasília-DF, integrando a geração que consolida o teatro brasileiro em pleno período de ditadura, pensando o teatro como instrumento de transformação política. Trabalhou com Schirley no Grupo Retalhos.

¹⁰ Destaco nesta, como em outras falas, a ligação que Schirley faz entre o conhecimento adquirido através de suas vivências no seio das manifestações tradicionais e as teorias produzidas e publicadas a respeito disso. Especificamente, aqui, ao desenvolver seu raciocínio sobre os mamulengueiros criarem *uma sociedade em forma de bonecos*, Schirley faz menção a uma importante obra do Teatro de Bonecos Popular no Brasil: *Mamulengo*: um povo em forma de bonecos, de Fernando Augusto Gonçalves Santos (1979).

um palhaço, dançarino, o mágico, então isso criou em mim uma ideia muito especial dessa magia, desse espetáculo. [...] a contorcionista, a dançarina... o equilibrista, quem bolou a estrutura dele foi o próprio Afonso Miguel. Ele criou um pêndulo, e esse boneco vinha no fio equilibrando sozinho. Tinha umas engenhocas, o próprio palhaço que fazia a cena, enfim, quando eu estava nesse movimento desse Girassol e começando a questionar: por que não engata? Não brilha? Não desenvolve? Esses bonecos estavam... o espetáculo amarrado. Não deslancha! Aí eu fui conhecer o Carlos com o Mamulengo dele. E quando vi o Benedito, o boizinho, vi a cobra Catarina! Eu falei que era incrível a cobra! Esse imaginário... a Alma da Defunta Sem Vergonha, o Benedito, com aquele nome gigantesco, o jeito que ele fala! Um bonequinho da madeira, absurdamente simples! E nós... com o *Circo Girassol*, com a nossa Cigana, era olho de vidro! Boca muito bem-feita... os bonecos eram com massa... que eu deixava tudo brilhante, lindo, e vem o Benedito e desconstrói tudo! O Benedito com uma cabecinha de mulungu, um chapeuzinho... E aí... Eu pirei né. O que é isso? Pirei o cabeção. Aí eu disse: é isso que eu quero! [Risos] então é por isso que eu me entendo como bonequeira. Eu vejo as coisas assim, amo brincar os bonecos gigantes! Quando eu brinco a Felicidade, eu não sou eu! Eu naturalmente vou me sentar... vou levantar... falo oi... e a Felicidade não! Ela sai correndo, brinca de esconde-esconde com as crianças, entendeu? Ela tem vida própria. A gente entra na vida dos bonecos, não somos mais nós. [...]

Daniela: [...]inclusive tem uma coisa que eu me lembro, já que hoje estamos dando esse panorama, uma história que você me contou, muito deliciosa de ouvir! Eu me lembro de uma história que você me contou, foi lá atrás, acho que você estava no Ensino Médio... foi uma boneca...

Schirley: Foi. Foi uma boneca. Era no Ensino Fundamental, oitava série. Foi quando eu conheci Zé Regino. Eu, na verdade não sei como conheci o Zé. Mas ele foi meu parceiro durante muito tempo. Nós fizemos coisas muito legais juntos. E uma das coisas boas, ele me fazia de boneca. Desfiava meu cabelo e dizia que eu ia sair de bruxa. Então eu me maquiava, me vestia e saía com ele

na rua... vestido de bruxa, nós dois, malucos! [...] Eu me lembro que eu fiz um período, festival de inverno, na escola de música, e montamos *O Mágico de Oz*. Eu era uma das bruxas, a Bruxa do Oeste. [...] Então nós viajamos em muitas ideias de sonhos, de poesia, de imaginação. E nós construímos uma boneca. Não tinha nome. Nunca colocamos o nome para ela. Chamava-a de Schecheca: uma Schirley boneca. Meu nome é muito complexo. Se a gente for falar de colonialismo, eu tenho um nome que é fruto do colonialismo, entende? Mas o que eu posso fazer? Fazer nada, porque foi batizado e esse é o meu nome de batismo. Então a boneca ficou Schecheca. Nós rodamos alguns espetáculos em cidades satélites, rodamos chapéu, ganhamos alguns dinheiros, e fizemos umas apresentações por conta própria, eu e Zé Regino, e a boneca. Minha mãe me ajudou. Foi uma grande parceira nos meus sonhos. Ela sempre me apoiou em tudo que eu quis fazer. Ajudou-me a construir a boneca, a costurar roupa, e nós fizemos, e o Zé auxiliou na elaboração da característica da boneca. Do mesmo jeito que fizemos a boneca pequena, nós fizemos em mim, a cópia. Então a mesma roupa que eu tinha, a boneca tinha... o mesmo cabelo encaracolado, a maquiagem, a roupa, o sapato... Então era uma boneca pequena igualzinha a mim. Qual era a história? A boneca chegava primeiro em cena e ela ficava zangada de ser só boneca. Ela queria andar de avião, estar no mundo, queria viajar... Era um sonho, que logo para frente consolidou o que eu sou, que era um sonho antigo de viajar o mundo. Mas como? Como viajar o mundo uma menina da América Latina, sem pai, com várias questões, com uma classe social que realmente não tinha saída. Você chega em um momento e vê que não tem como, não tem saída. A Schecheca foi uma válvula de escape para esse sonho. Esse sonho... ser essa boneca... eu sendo boneca, eu posso! Eu tenho essa magia de me transformar. E aí eu me transformava! Ele fazia uma mágica... ela sentada em uma cadeira... ele tirava ela da tolda, punha um pano, então, eu chegava devagarzinho, tirava a boneca, guardava no saquinho plástico, lá no canto, e aí aparecia eu! Então quando isso acontecia as crianças ficavam encantadas. [...] Minha ligação com o Teatro de Bonecos veio conduzindo a minha trajetória esses anos todos.

Daniela: Então posso dizer que Schecheca foi profética.

Schirley: É!

Daniela: Ela anunciou um caminho que estava vindo, a realização do sonho de sair pelo mundo...

Schirley: É, anunciou. [...] Foi final dos anos 70. A Maria nasceu em 84¹¹, então foram anos intensos para mim. Em 82 terminei o Ensino Médio... 81, 80... Anos 80 eu estava no Ensino Médio. Em 78, 79 eu estava no sétimo, oitavo ano, e justamente nesse período é que eu estava fazendo esses movimentos em Taguatinga Sul, ainda [...] Fiz curso de férias na escola de Música, fiz a Schecheca, e antes do Zé Regino, da gente se encontrar, tinha todos os movimentos de Arte, desde a escola, no primeiro, segundo, terceiro ano, nas escolas ali perto da casa da minha mãe, em Taguatinga Sul. Onde eu estava sempre, era na salinha de Artes, nos movimentos, quando a banda de Música estava, na rifa da Rainha do Milho, tinha que vender rifa para ser rainha. Eu era candidata, estava ali vendendo a minha rifa! Fui Rainha do Milho algumas vezes, entronada com faixa de papel higiênico [Schirley sorri ao contar]. Não tem problema! Fui Rainha do Milho. Vendia as rifas para ajudar a escola a fazer uma coisa, por exemplo, comprar um bebedouro. Estava envolvida nesses movimentos todos dentro da escola, até participar do centro cívico. Eu fui presidente do Centro Cívico Ranieri Maggi, olha só, em plena época de ditadura, um cara fascista, e eu estava lá... honrando a missão cívica... [Schirley procura as palavras por um momento] na cegueira da história!

¹¹ Maria é a filha primogênita da família artista. Schirley sempre faz as contas procurando identificar algumas datas a partir da idade das filhas e filhos. Em vários momentos da pesquisa, inclusive com outros participantes dentro e fora da família, esse método é utilizado, denotando uma prática muito frequente dentro das famílias de forma geral. Em grupos teatrais mais antigos, essas referências geralmente se referem à fatos. Mas na *Carroça*, a idade das crianças e a época de seu nascimento é que marca essas referências de tempo.

Daniela: Mais movida pelo desejo de arrumar o bebedouro para escola e melhorar o entorno, e fazer o que tinha que ser feito no lugar onde estava, do que consciente do processo que naquele momento...

Schirley: Exatamente... Consciência política! Consciência política, que na época... nós não somos levados a ter consciência política, as escolas e educação estão longe desse sentido. A abertura de trazer as verdades que tem que ser ditas. E aí, através da Arte e desses movimentos, vai abrindo a consciência. Algo acontece. Pera aí, não é bem assim, tem alguma coisa que está errada. Não dá, não, você não vai ficar o resto da vida sem entender nada, você vai entendendo que... né! [Schirley conclui o pensamento sorrindo].

Daniela: E os bonecos trazem consciência política para sua vida? Essa relação com os bonecos?

Schirley: Sim, com certeza! Não tem como... Para mim... especificamente... eu não faço uma Arte pela Arte, assim, vou fazer um boneco porque eu acho lindo que vai ser uma flor. Vou fazer uma flor, simplesmente porque ela vai piscar um olhinho, dar um sorriso e vai descer no jardim. É lindo! Plasticidade. Mas se essa flor não tiver algo a fazer para melhorar a consciência humana, para falar sobre algo que possa inferir em alguma coisa, em alguma poética, de disseminar algum sonho, de falar de algum sonho e falar politicamente alguma coisa, para mim não preenche. Eu vejo o mundo pedagogicamente desde sempre. Eu vejo que a minha forma de estar no mundo é fazer com que as coisas estejam melhores. Como eu vou fazer do ser humano um melhor ser humano? Entende? Como que eu vou fazer isso? Através da minha Arte, da minha palavra, ou da minha casa, de uma roupa que eu visto... como eu me comunico... para fazer que toque o coração do outro, para que ele seja uma pessoa melhor? E que a gente construa essa paz que a gente tanto deseja! Não essa paz utópica...enfim... Tanta coisa né Dani...

Daniela: Afinal de contas, se não tiver utopia, ação conjunta, não tem sentido né?

Schirley: A maioria dos bonecos que a gente constrói é o quê? O que nós construímos na *Carroça de Mamulengos*? Por mais que Carlos seja o meu mestre na Arte do Teatro de Bonecos, nessa linha de *Carroça de Mamulengos*, eu sou... Vamos colocar assim: se ele é o Dom Quixote, eu sou o Sancho Pança dele! Eu sempre estive ao lado dele o tempo todo. Apoiando sonhos e, com a minha habilidade, dando forma, sendo pilar para que aquela Arte florescesse. Então, por exemplo, os bois... Quantas vezes eu costurei a cabeça dos bois, fiz as orelhinhas, as estruturas do Boi, de vestir... Quantas caixas eu fiz das minhas saias antigas, recortadas, porque às vezes, não tinha tecido para fazer o acabamento das caixas, então cortei as minhas próprias saias, para poder transformar isso em caixas. E assim por diante. É uma coautoria de certa forma. De certa forma. E os bonecos todos da *Carroça de Mamulengos* não nascem assim, do nada. Vê o Cotinho, um bonequinho preto, que é um boneco de ventriloquia, vem da estrutura dos camelôs de rua. Quando chegamos no Nordeste, antes de tudo, a gente construiu o Cotinho. Nós restauramos os bonecos dos camelôs e o Cotinho surgiu a partir dessas restaurações [...]

Daniela: Eu perguntei para você se você se acha uma bonequeira e a gente fez um pequeno resgate dessa história. [...] Como foi: você teve dificuldade ou não teve para se reconhecer nessa profissão, nessa palavra, nessa arte de bonequeira?

Schirley: Olha Dani, você se outorgar... você trazer para si que você é, não é algo tão simples. [...] Porque numa sociedade, nessa sociedade capitalista, sociedade do consumo, você consome e é consumido. Tem que vender algo para que você se mantenha outorgado naquilo que você diz que você é. [...] você tem que se justificar através de jornais, de experiências e através da palavra e sim, através de reconhecimento das pessoas. Muitos mestres não têm esses caminhos de jornal, certificados, diplomas... Eles têm em si a Arte. A maioria dos

nossos mestres, eles têm essa Arte. Eles são reconhecidos por uma comunidade, são reconhecidos por uma vida dedicada a determinada função, à determinada missão de vida. Então, é complexo. O que eu sou... eu poderia dizer muitas coisas. Eu começo falando e me apresentando como mãe. [...] E a mãe não é só a mãe daquele ideal romântico, de carinho. A mãe é gestora, pilar, matriz... a geradora. [...] A mãe em si é doação. A mãe é doar-se todo o tempo! [...] Mãe, bonequeira, atriz, artista. [...] Só que não é só ser artista, atriz, bonequeira, mãe... Existe um projeto, que é um projeto maior... do outro... de como ensinar... de como passar as informações... de como fazer uma Arte diferenciada que toque o ser humano de alguma forma que amplie sua consciência! Um jeito melhor de ser! [...] Então isso, pedagogicamente falando, trilha minha caminhada desde sempre. Eu sempre vi, como mãe, como eu poderia estar... melhor... com meus filhos. Ao invés de só a mãe, também ser a professora! Trabalhar a questão da formação, da cidadania, do caminho político, das outras formas de ser e estar no mundo. Então, eu me sinto mãe, atriz, bonequeira... Sou artista. Mas também sou educadora! Eu gosto de ensinar para o outro! Eu gosto de ensinar um alimento, eu gosto de compartilhar. Esse ensinar veio do aprender, então, quando vejo uma pessoa que é a minha mestra, a minha mãe, minha avó, eu não fico no lugar do ensinar... Aí estou ali para aprender. Então aprender e ensinar, ensinar e aprender, é como diz o mestre Paulo Freire, é uma linha tênue. [...] Então se você aprende, você repassa mais um pouco. E você tem um outro mestre... que tem outra forma para aprender, então você aprende e ensina, e isso vai continuando... chega à frente... e mais um pouco... nas próximas gerações. [...] Eu intenciono que aquilo vá em frente. Quando eu ensino brinquedo popular... o rói-rói, o mané gostoso... eu sei dentro de mim que aquele brinquedo nunca vai ser esquecido. Eu tenho certeza de que vai ficar na memória, e, se um dia ele precisar resgatar, ele vai conseguir fazer com filho, e o filho com seu filho também! Se eu faço um bolo, um feijão gostoso e meus filhos comem... Eu aprendi com a minha mãe! Estava dentro dela e chegou até mim, e agora eu estou conseguindo fazer para meus filhos, que vão gostar muito! Estou entendendo que não é só a preparação em si, mas também esse fio de educação da Arte, uma educação e cultura que nos ligam. E esse fio condutor

que nos liga... Então eu sou mãe, atriz, bonequeira, artista, e também sou educadora, professora, arte-terapeuta... Enfim, o que mais? [...] Durante muito tempo na minha vida eu não tive condições de ser outra coisa, a não ser mãe, gestora de uma família de oito filhos, e conviver com eles durante 30 anos sem sair de perto deles, e gerenciar a vida cotidiana, para que a vida seja plena. E oito filhos, não é uma coisa muito simples [...].

Daniela: Você fala da artista, da atriz, bonequeira, e completa isso assim: “as minhas *artesanias*”. Nós estamos falando desses bonecos, e eu desejando te perguntar sobre essas coisas que você faz com as mãos. Como foi seu aprendizado nessa Arte... de onde vem essa bonequeira?

Schirley: Então... é bom buscar nossa ancestralidade, né? Quando a gente vem por esse mundo só tem uma forma, a gente só tem um jeito... O único jeito é nascer de uma mãe e um pai. Não tem outro jeito! Nossa primeira porta para existência é uma mãe. O único jeito de estar nesse chão que estamos pisando aqui. Não tem outra porteira, só tem essa porta, só tem esse portal! Então a mãe é uma provedora. Minha avó era costureira fina, de confecção de roupas, e também fazia bonecas de pano. Então eu trago na minha memória as bonecas de pano da minha avó. Eu lembro dela fazendo um cabelo de pano, que era um tergal na época. Ela pegava aquele tergal e desfiava um tergalzinho preto, fio a fio, e fazia um cabelinho de boneca. Ali ela bordava o olho, fazia a boquinha, as roupas... As bonecas da minha avó eram finas, porque os bonequeiros em sua maioria, você pode perceber que os bonecos deles se parecem com eles, de alguma forma... algum traço de olho, algum traço de boca, alguma forma de corpo... e isso acontece com a maioria das bonequeiras que conheci! A minha avó era uma bonequeira assim. Então eu vi minha avó fazer boneca de pano, brinquei com elas! Depois minha mãe fez boneca de pano, ela costurava e costura até hoje! Ela é uma costureira de casa, digamos... Não é uma costureira de roupas novas. Ela inventa. Faz almofadas, ela faz paninhos, coelhos pros netos, ela faz cortinas. É uma costura que exerce a função do lar, do cuidado. É uma *artesanía do cuidar*! É você olhar para o seu ambiente que

you mora e ver como ele fica com mais beleza... com mais poesia, com mais vida... e a partir daí, sem esperar que o outro faça, eu mesmo faço! Então é uma forma de *artesanía*. É uma artista. É uma mulher que cuida da casa, e também costura quando pode, quando dá certo, quando tem tecido, ela faz as coisinhas de casa... essas coisinhas tão preciosas que são os paninhos para cobrir o fogão, para cobrir a pia... uma toalhinha. Eu ainda vi minha avó fazer toalhas de saco de algodão desfiados, alvejados no anil e desfiados, para enxugar as mãos no banheiro, para usar como toalha de corpo. [...] Então eu resgatei esses pilares da minha história e a partir daí fui praticar, fui exercer. Então, eu posso! Eu tenho isso na minha memória, eu vi isso acontecer, eu posso fazer. E a partir desse querer e dessa memória que já existia na minha ancestralidade eu também fui me afeiçoando com as mestras e os mestres do Brasil. Quantas costureiras eu já encontrei pelo Brasil? Quantas pessoas que eu já conversei? Como que eu já imaginei as roupas, os figurinos do *Carroça*, por exemplo... Ou coisas que nós já fizemos pelo Brasil afora. E com os bonecos, do mesmo jeito... Porque os bonecos, eles primeiro nascem assim... o que você quer com esse boneco? Que boneco é esse? Eu quero um boneco como? Qual é o personagem? O que ele vai fazer? É um indiozinho? É uma vovó que conta história? É uma mãe que amamenta? É um pai João? É uma Finada Santinha, que é uma defuntazinha? Uma Alminha que anda com uma roupinha transparente? O quê eu quero? É a partir daí, do que você quer com boneco, que vai vir única e exclusivamente a sua roupa, sua pintura, seu cabelo¹²... Durante dois anos, *Carroça de Mamulengos* e Schirley é quase... é uma continuidade... Porque nós falamos de um período até os 18 anos, e com 19 anos tive minha primeira filha. E de 19 anos para cá, já é a Família *Carroça*. E participo dessas criações que o *Carroça*

¹² Quando Schirley fala da roupa, da pintura e do cabelo, enfim, de um boneco em sua fase de concepção, traço uma relação entre suas habilidades e as funções que desenvolveu em algumas fases da história da Companhia *Carroça de Mamulengos*, principalmente nas primeiras décadas. Uma das funções assumidas por Schirley na *Carroça* é justamente a de figurinista, para usar terminologia da área teatral que não costuma ser utilizada nas culturas tradicionais. Essa função foi sendo assumida de forma muito natural, costurando as saias e ou os retalhos que as compunham, vestindo os filhos e filhas na vida e na cena, além de pensar nas maquiagens, cabelos, acessórios e adereços que posteriormente se incorporaram como parte da estética da *Carroça de Mamulengos*.

de *Mamulengos*, ainda hoje brinca... e abrilhantam as cenas, estão aí com as gerações atuais, que são nossas netas em cena.

Daniela: Então quando um boneco ia ser feito, você estava nesse processo?

Schirley: Todos eles!

Daniela: Desde a concepção até a finalização?

Schirley: Sim, com certeza! Entre a... [Schirley pensa, escolhendo as palavras por algumas vezes] como você vai dizer da cabeça de um artista que... é complexo... O Carlos é um artista muito dedicado nas obras dos bonecos da *Carroça de Mamulengos*. Muitas das obras surgem da imaginação dele, com certeza. Surge, a princípio dele. Ele intui... Por exemplo, eu jamais intuiria fazer o Dragão Xodó. Eu pensaria em outras coisas, não pensaria no Dragão Xodó. E ele intuiu em fazer, e a partir daí... Poxa, que legal o Dragão Xodó! Topo! Vamos junto! Vamos fazer? O que que a gente pode ajudar? Que jeito que vai ser a língua? Eu posso auxiliar como? Deixa eu furar tal coisa! Então eu fui ajudar na criação. Tanto que quando a gente estava terminando de construir o dragão, nós estávamos aqui no Rio de Janeiro, e... estávamos num período muito difícil financeiramente, e a gente precisava vestir o dragão e a gente não tinha como comprar roupa pro Dragão Xodó. E eu tinha uma rede, e mostrei a ele: “Carlos, olha. Olha que interessante isso aqui. Se a gente cortar isso...”. Vesti no boneco e ele gostou: “Nossa, não é que pode dar certo mesmo!” Aí nós tingimos de verde e fizemos o couro do Dragão Xodó... Então foram todos os bonecos nessa linha. O Palhaço Alegria¹³ (Figura 2), eu vi ele sendo construído... A cabeça dele, como é que vai ser a armação, a empanadilha... É um processo de criação. Ninguém

¹³ O Palhaço Alegria foi a primeira criação de um boneco gigante da *Carroça*, iniciada em um festival em São Luís do Maranhão e finalizada posteriormente como uma criação única: um boneco de vestir que tem no centro do peito uma cortina que se abre, mostrando a empanada, ou tolda, onde Carlos Gomide brincava o Mamulengo.

nunca tinha feito. A partir do que foi criado, você pode repetir, pode criar à vontade aí. Não tem propriedade.



Figura 2 – Palhaço Alegria. Foto: Acervo da família.

Daniela: Quando você diz do Dragão Xodó, eu fico me perguntando [...] vocês mesmo comentam: “nasce um filho, nasce um boneco!”, a criança tem que estar junto. Acho muito bonito quando vocês contam isso, se puder retomar [...].

Schirley: [...] Hoje o artista vive uma realidade de que... eu sou um artista, ou eu tenho uma *artesanía*... então eu me ligo aos editais, aos contratos. Eu tenho uma encomenda? Então eu vou fazer uma bandeira do divino que encomendaram... Ou eu vou me colocar a encenar uma boneca gigante porque tem um projeto de tal lugar que quer uma boneca gigante! Mas quando nós iniciamos nossos trabalhos não tinha isso. Era incorporado à vida. Do mesmo jeito que eu acordava e tinha umas coisas para fazer, eu acordava também mexendo nos bonecos. Então a gente estava construindo um boneco e o boneco

fazia parte da vida cotidiana [...] sem tempo para começar e sem tempo para parar. O começo de um boneco era natural. Natural! Como aconteceu com a burrinha, foi assim... a Maria tinha dois aninhos... então a gente já percebia que ela ficava assistindo o Mamulengo. Nós brincávamos o Mamulengo na tolda e a Maria ficava sentadinha, ora dentro da tolda, ora com alguém que a gente conhecia na plateia do lado fora. E eu sempre dentro da tolda, ajudando o Carlos. Aí fiquei pensando e comentei com o Carlos: “Carlos, será que a gente tem uma forma de fazer diferente, para que a Maria participe mais da brincadeira? Possa estar com a gente em cena?” E aí, nesse momento, a gente já estava vendo os folguedos, já estava assistindo os Reisados¹⁴, já estava visitando Dona Margarida... então surgiu a ideia de fazer uma burrinha¹⁵. Tanto que essa música que cantamos no espetáculo é uma música da tradição popular: “minha burrinha come palha com arroz, arrenego da burrinha que não pode com nós dois”. Então nós pegamos esse verso: “Vamos fazer uma burrinha inspirada nessa tradição?”. “Vamos!” E aí nós começamos a fazer a burrinha na nossa casa... nossos afazeres... a gente brincava na rua, brincávamos o Palhaço Alegria às vezes, brincava na tolda às vezes... eu ajudava o Carlos a brincar os mamulengos com o Palhaço Alegria... rodava o chapéu enquanto ele estava vestido de Palhaço Alegria... que é uma outra questão que foi... nós rompemos com a tolda¹⁶! Nós achávamos que com a tolda estávamos limitados. Nós queríamos andar com os bonecos, andar! [...] Maria sempre comigo, no meu colo, aqui pertinho de mim, nos *slings*, rodando o chapéu com ela no colo. Ela sempre perto de mim! Então nós intuímos de fazer a Burrinha, com ela! Dentro de casa. Então nós medimos a Maria e ela viu fazer a roupinha... ela pegava a cabecinha e beijava... viu o pai

¹⁴ O Reisado a que Schirley se refere é uma manifestação popular típica da região de Juazeiro do Norte-CE, onde a família *Carroça* escolheu fixar residência, convivendo com os artistas, brincantes e mestres das tradições de forma orgânica, ainda que sem interromper suas itinerâncias pelo Brasil. O Reisado também ocorre em outras regiões e se assemelha em temática com a Folia de Reis ou Festa de Reis. Os Folguedos ou Brincadeiras, manifestam-se de várias formas em diferentes localidades, não cabendo generalizações.

¹⁵ No Reisado, além das danças coreografadas e de todo um cancionero que embala a festa, há as figuras, as ‘personagens’ que vestem os folgazões para encenação dos entremeios, cuja teatralidade entretém e alegria o público. Como exemplo: o Boi, o Jaraguá, a Burrinha, o Lobisomem, a Mamãe Velha, etc. O trabalho da família *Carroça*, em diferentes momentos, desde a década de 80, ajudou a resgatar do esquecimento muitas destas personagens, assim como cancionero e outros elementos.

¹⁶ Aparato onde se apresenta a brincadeira do mamulengo, também chamado de tenda, barraca, empanada, dependendo da região e ou tradição.

botar o cabelinho... fazer o rabinho... Então quando ela ficou pronta, que a gente vestiu ela, ela já estava pertencente ao boneco, como o boneco pertencente a ela. Já existia uma relação entre eles... entre criança e o boneco... Então era um brinquedo! “Ah, agora vamos pegar a Burrinha e enrolar ela num paninho, e deixar ela guardadinha”. “Ei Maria, pega a Burrinha lá” - dois aninhos! Ela ia lá pegava a Burrinha, vinha mostrar para um mestre que chegava em casa. “Quer mostrar a burrinha pro mestre Fulano?” “Vamos brincar um pouquinho!” A gente brincava com ela ali, na nossa casa, que era onde nós estivéssemos. Ela buscava, vestia... Um dia nós estivemos em um festival, trouxemos a Burrinha e estreamos para o público [...] chegamos e apresentamos a Maria. A Maria e a sua Burrinha Fumacinha. Foi a estreia da Maria. Foi um acontecimento! Uma criancinha daquele tamanhinho, em cena, com os pais, brincando tão bonitinho! brincou... rodou... virou... porque eu ensinava para Maria, todos os meus filhos eu ensino! Não estou ensinando agora para as minhas netas... minhas netas estão muito sem vergonha em cena. [Risos] Mas eu ensinava para meus filhos: “Pera lá, não é assim não, olha para o público, olha essa mãozinha, olha pra frente... Se comunica! Olha aí, faz um jeito assim. Responde seu pai, papai tá falando? Olha pra ele! Depois olha para o público”. Porque vem de mim... anterior aos trabalhos de rua... vem de Brasília, dos palcos italianos, de ter feito o trabalho com a Orquestra sinfônica nacional de *Pedro e o Lobo*¹⁷. Então eu tinha um pouco dessa experiência e fui fazendo isso acontecer com as crianças.

Daniela: A artista veio antes da mãe!

Schirley: É... Sim! Veio antes da mãe! E a bonequeira também veio antes da mãe!

Daniela: E quando a mãe chega tudo isso se potencializa na educadora...

¹⁷ Schirley foi convidada pelo maestro Júlio Medaglia para narrar o conto do célebre poema sinfônico *Pedro e o Lobo*, do compositor Sergei Prokofieff, ao Som da Orquestra Nacional Brasileira, no início dos anos 80.

Schirley: É... é mais ou menos isso, Dani. É interessante falar sobre isso porque eu não falo sobre isso, muito. Eu nunca falo. Não falo sobre isso quase nunca! Quem quer saber sobre isso? Não são todas as pessoas que querem saber sobre isso... [...] É um divisor de águas... Porque é uma experiência que potencializa outras vontades, outras experiências de outras pessoas. A própria Irismar¹⁸, e tantas outras! A própria experiência do Palhaço Alegria, quantos bonequeiros surgiram? Quantas bonecas surgiram? O Afonso Miguel fez um, o Juvenal... [...] um boneco gigante que tocava um realejo, e de dentro desse realejo saía um bonequinho de Mamulengo. E outras bonecas gigantes... A Rosinha fez uma boneca gigante¹⁹... A Clara Rosa fez uma boneca gigante... Outros bonecos gigantes surgiram a partir da estrutura dos bonecos que a *Carroça* desenvolveu, também com a estrutura da cabaça²⁰. A cabaça como elemento, como estética... a escolha do material... O Palhaço Alegria foi precursor. E logo depois do Palhaço Alegria, antes mesmo da Burrinha, nasceu quem? A boneca Felicidade! (Figura 3)

¹⁸ Irismar Silva Marques participou da União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus (associação iniciada pela *Carroça* que deixou um legado imenso para muitos de seus participantes, tanto em aspectos técnicos e sensíveis dos saberes e fazeres da Arte e até da gestão dos grupos, como nos aspectos humanos da forma de ver e agir no mundo). Irismar diz sobre Schirley: “ela me ensinou muita coisa, a me defender, a me ver como mulher, pessoa, como ser humano, de respeitar e me fazer respeitar. [...] Aprendi a fazer comida com ela, aprendi a bordar, aprendi que tinha que trabalhar, arrumar um ofício na vida”. Hoje Irismar vende suas bonecas sob a marca de *Bordadeira do Cariri* e demonstra profunda gratidão por Schirley.

¹⁹ Rosinha (Anna Rosa Azra Vilar) me concedeu um depoimento no qual conta como foi quando Carlos Gomide lhe ofereceu para construírem a boneca mencionada por Schirley, batizada de Sinhá Nazinha. Sobre a família *Carroça*, ela afirma: “Eles não eram só um grupo de Teatro. Eles eram uma família que vivia o que encenava! Não era só algo representado!” [...] Eu tenho essa referência: existe um ponto da minha vida antes do *Carroça* e depois do *Carroça*. [...] E isso girou minha vida, mudou a minha vida! E tudo o que eu sou hoje, sou graças a essa maestria, do Carlos e da Schirley na minha vida, e a inspiração dessa família!” (VILAR, 2019).

²⁰ Outro exemplo é a palhaça e bonequeira Odília Nunes, igualmente influenciada pela estética da *Carroça*, que envolve toda uma ética nas vivências aprendidas no cotidiano da vida. Odília, com a mesma estrutura da Felicidade, fez a boneca Cordelina, e no depoimento compartilhado para a pesquisa, assim diz: “O *Carroça* de Mamulengos foi um divisor de águas no meu fazer teatral. Aquilo que eu acredito, que posso fazer, pode acontecer!” (NUNES, 2020).



Figura 3 – Felicidade. Foto: Bené França.

Veio antes da Burrinha Fumacinha, porque o Palhaço Alegria é um boneco um pouco pesado, e ele requer um pouco de estrutura para brincar com ele. E as crianças quando viam queriam brincar com ele... correr... saltar! Uma Vez o Carlos aprontou uma... resolveu subir no trampolim de uma piscina. Quase que eu morro, morro eu e ele, porque ele subiu e depois não conseguia descer. [Risos] O Palhaço Alegria lá em cima... ele ficou tão aperrado que deitou com o boneco e ficou agarrado lá. Eu já grávida do Antônio e falando para os meus amigos “Vai lá minha gente, vai lá, ajuda o Carlos a descer de lá, pelo amor de Deus” [Risos]... O Palhaço Alegria deitado lá encima no trampolim... Em tempo de cair na piscina abaixo. [Risos] Porque a gente quando veste o boneco nós não somos nós mais, nós somos... o boneco em si, o que o boneco pede! E aí nós fizemos a boneca Felicidade, porque a boneca Felicidade é uma boneca leve! A ideia da Felicidade... era essa proposta. “Então a gente não pode brincar no Palhaço Alegria? Então eu posso! Vamos fazer uma boneca para mim?” Aí

que vem uma condição de querer estar na potência da atriz, da artista, da bonequeira, que já vinha anterior ao casamento, a ser mãe, etc. Aí então nós fizemos. (Figura 4)



Figura 4 – Schirley começando a cena com Felicidade, Maria pequena. Foto: Acervo da família.

Nós estreamos, brincamos algumas vezes, só que depois, durante a trajetória, não foram aparecendo tantas oportunidades dela estar em cena. E as oportunidades também vinham em relação a própria maternidade. Uma hora eu estava de oito meses, outra hora estava de resguardo, outra hora estava amamentando. Eu brinco uma boneca e o neném fica chorando do colo dele querendo mamar... Aí eu fui começando a sair... e a entender... essa função, deixa quem puder... Aí foi a Maria entrando em cena, o Antônio crescendo e entrando em cena, e eu cuidando do Antônio, da Maria, dos bonecos e dos outros filhos que foram surgindo e... fazendo um outro processo, atuando em outros movimentos. Poderia ter sido diferente... mas não foi né... não foi... [Schirley suspira profundamente e sorri, concluindo o pensamento] Foi assim...

Daniela: Eu fico me perguntando que movimento seria esse, porque depois da Maria veio o Antônio, dois anos depois o Francisco... depois de dois

anos o João... e depois de dois anos os gêmeos, ... e depois de dois anos... as gêmeas! Eu não sei... [sorrisos juntas] Eu tenho cá pra mim que foi eu que tinha que ser! [Schirley emocionada e sorrindo concorda com um ... “é!”] E lembrar que cada um desses filhos, tão próximos de idade, recebeu a sua própria caixa de viagem. E dentro da sua caixa, as suas roupas. E junto com as suas roupas, seus objetos pessoais... e junto, nessa mesma caixa, ainda recebeu a sua mochilinha de cena, que era aquela que cada um cuidava nas viagens, com seus figurinos para entrar em cena... E junto, ainda na caixinha de cada um, a sua pastinha com os seus cadernos de estudo, individual, que você ensinava um a um. Então cada um tinha as suas coisas! E considerando que eu contei cinco grupos de coisas que cada um tinha na sua própria caixinha, e se eu multiplicar por oito, eu estou falando de 40 coisas específicas de cada filho, fora as suas e fora a do Carlos que você estava cuidando, gerenciando, lavando, passando... porque os meninos sempre andavam... IRRETOCÁVEIS! Ah, e ainda tinha a bolsinha de maquiagem individual, que cada um tinha dentro da sua mochilinha! [Risos, muitos risos!] Bom! Eu acho que... parece que foi tudo como tinha que ser mesmo, porque já era muita coisa né...

Schirley: [ainda sorrindo] É... Era muita coisa! E não nasce assim né: “nasceu o primeiro filho e eu já sei que vou fazer isso e isso...” É algo contínuo, essas necessidades foram surgindo continuamente, não é mesmo? Então eu intuí de um jeito com a Maria, depois quando chegou o Antônio eu achei que podia ser um pouco diferente, e aí fui aperfeiçoando com o Francisco... E as coisas vão caminhando, porque é uma vivência! E os bonecos vão surgindo a partir daí. Da Burrinha, nasce o Cabrito. O Cabritinho vem com o nascimento do Antônio. [...] E os outros bonecos vão surgindo a partir daí! E tem as levas dos bois... Fizemos bois, foi um período... Nós fizemos boi para dar e vender. Boi Pai, Boi Mãe, filhotes, e mães, e filhotes... Então, assim, foram surgindo... os filhos iam nascendo e iam aparecendo as ideias de fazer os bonecos! [...]

Daniela: Além da Felicidade você vestia outros bonecos?

Schirley: Eu já vesti alguma vez a velha Chiquinha, mas não me sentia muito bem com a Velha Chiquinha não. Os bonecos, eles têm... uma forma... às vezes não dá para você vestir um boneco... não dá muito certo! Já vesti, por exemplo, a Comadre Já Morreu, uma boneca que se perdeu na história da gente, que era uma história de dois defuntos, duas caveiras, dois finados [Schirley gagueja, procurando lembrar o nome, até finalmente identificá-los, falando devagar enquanto pensa até acertar]: A Finada Comadre e Compadre Já Morreu²¹! Tem fotos deles. A caixa era um túmulo. Aí começamos a fazer as caixas de acordo com o personagem, a ideia era que as caixas também compusessem as cenas. A gente tinha uma caixa lilás que era um túmulo... Linda a caixa do Finado Compadre A Comadre Já morreu! Então eu já vesti essas bonecas em caminhadas, em passeatas, e eu me sentia bem! [...] Sempre brinquei os Jaraguás... E os bois! Até Cris Seixas²², falou: “essa mulher quando brinca os bonecos parece um furacão. Eu nem sei como é que foi isso... Ela vestiu o boi e todo mundo ficou alegre... O Boi parecia que ia chifrar todo mundo, que boi era aquele? Nem imaginava você vestindo o Boi!”. E aí eu continuo

²¹ Todas as vezes que ouvi falar desses bonecos tanto por Schirley, como por Carlos seus nomes foram trocados, ora sendo um O(A) Finado(a), ora sendo outro aquele(a) que Já Morreu, ambos procurando corrigir os nomes até chegar a uma conclusão. Esses bonecos são referidos sempre dessa forma: juntos, dois bonecos como se fossem um só, e muitas vezes com os artigos definidos abrindo os nomes: O Finado Compadre A Comadre Já Morreu, ou A Finada Comadre O Compadre Já Morreu. Chamo a atenção para o fato de que desta vez Schirley já se refere de forma diferente à que se referiu pela primeira vez, indicada algumas linhas acima, me fazendo sorrir ao pensar sobre o fato -para mim constatadíssimo- de que os bonecos dão sua forma, dizem a que vêm, e nos dão inclusive o seu nome segundo suas próprias características; no caso, nomes flutuantes que trocam de lugar, unindo mais profundamente ainda o casal, ora defunto.

²² Cristiana Seixas é uma professora de Schirley no Curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense, e pedi a ela que me concedesse um depoimento no qual comentasse sobre seu contato com Schirley e sua percepção sobre a presença desta matriarca na universidade. Por *whatsapp* ouço a voz da professora que, neste trecho, mal consegue falar, tão emocionada está, ao dizer seu relato: “Parece uma história criada, inventada, mas é real, e possível! Uma pessoa que alfabetizou os filhos lendo as palavras no caminho, as placas dos caminhões, alfabetizando pra vida, pra generosidade, pro cuidado de si, do outro... Isso é muito bonito! E aí você me pergunta, a partir desse encontro, como foi a relação... [de Schirley com o ambiente universitário em um curso de Pedagogia]. Eu acho que uma relação de inversão: meu Deus, ela é estudante de Pedagogia? Ela na verdade é uma grande Mestra! As universidades todas tem que se curvar pra essa mulher, tem que aprender com ela. Estamos todos equivocados, estamos todos distraídos, estamos todos fora da nossa trilha sagrada, vamos dizer... a minha sensação foi de inversão: meu Deus, o que que eu tenho pra ensinar pra essa criatura? Eu tenho que aprender! E eu falei isso pra ela: eu quero ir com vocês! Eu quero conhecer esse Brasil profundo [expressão sempre utilizada por Schirley]. Eu quero conhecer essas festas populares. Eu quero ter a dádiva de conversar com essas pessoas que são bibliotecas vivas e guardam a voz dos nossos ancestrais, e são porta-voz deles... a melhor forma de a gente honrar os ancestrais é vivendo a vida em plenitude, e quem conhece isso são as pessoas conectadas com a Cultura Popular” (SEIXAS, 2020).

brincando Boi. E dentro da família, quem brinca um boizinho assim, bem parecido com a forma que eu brinco, é a Isabel. Ela brinca um boi bem parecido... Tem suas características, os jeitos de brincar os bonecos, né... A Mariama, por exemplo, que dá de mamar para o neném, sempre fui só eu que brinquei. [...]

Daniela: Conte um pouquinho da Mariama!

Schirley: [Sorrindo, ao se lembrar...] A Mariama tem uma história muito interessante. Nós não gostamos muito de fazer bonecos de encomenda, porque os bonecos feitos de encomenda tem uma tendência de serem esquecidos, de serem guardados e... serem abandonados ao longo dos anos... Então, a gente tem uma tendência de fazer com que o bonequeiro que queira um boneco gigante intua e veja aquele boneco, que vai fazer parte da história dele. Ele vai ter um boneco para carregar com ele, como um ente querido... com um valor de eternidade, uma Arte de valor de eternidade. Então para nós o boneco é uma Arte de valor de eternidade. Se eu vou fazer essa Arte eu não posso fazer sozinha, porque senão ele vai ficar para mim, eu vou carregar ele. Foi o que aconteceu com a Mariama. A gente estava trabalhando com um grupo de mães, as Amigas do Peito, e decidimos fazer uma boneca que desse de mamar e a gente ficou animada... compramos o material juntos e aí elas sumiram... elas não tinham tempo... e nós começamos a nos apaixonar pela boneca gigante. E ela começou a ter inspiração em quem? Em mim mesma... que era a mamãe que o Carlos conhecia todo tempo ali amamentando os filhos dele. Então a gente construiu o cabelo encaracolado, o formato da cabeça, a cor da pele, a gente foi intuindo como que seria a pele, eu fui atrás das costureiras, eu que vestia a boneca para fazer os experimentos, dando ponto aqui, ponto ali... fizemos o Cristino²³... E aí quando a boneca estava pronta, a gente falou: “Nossa, nós não podemos deixar essa boneca ir... Essa boneca é nossa, da *Carroça de*

²³ Cristino é o boneco bebê a quem a boneca Mariama dá os seios para mamar, em uma cena que chega a ser comovente por sua graça e simplicidade: Mariama entra embalando o bebê, ao som de canções de ninar na voz da própria Schirley, abre os botões da blusa e coloca Cristino no peito de tecido. Depois de mamar a mãe torna a abotoar a blusa e embala novamente o filho, com muita doçura.

Mamulengos!”. Nós não podíamos entregá-la na caixa para as Amigas do Peito. Aí nós refizemos o negócio: “Olha, é o seguinte, não dá, nós não conseguimos entregar a Mariama para vocês. A Mariama vai ficar, nós demos um nome pra ela, nós que vamos da vida ela. Agora se vocês quiserem uma outra boneca nós vamos acompanhar vocês, mas ela não vai ficar na nossa casa. Vamos fazer isso em outro lugar. Nós é que vamos até vocês para acompanhar vocês no processo de confecção dessa boneca”. E então apareceu a Mamalu. [...] E ficou belíssima, deu tudo certo! Tudo a ver com as Amigas do Peito! Uma boneca maior, negra, como elas queriam, para trazer as africanidades, a história da África... os cabelos, elas escolheram, as roupas, elas escolheram! [...]

Daniela: [...] Quando você fala para mim que podia ter sido diferente e eu começo a enumerar aquele monte de meninos nascendo e os processos envolvidos [...] voltando um pouco nisso... isso tem algum pesar? Você olha para isso assim?

Schirley: Sabe o pesar que eu tenho? De não ter conseguido me dedicar mais ao canto e aos instrumentos musicais, porque precisa de muita dedicação e você sabe que... quando eu era bem mais jovem, eu quis muito tocar violão. Eu quis muito tocar violão! Aí eu até brinco... aí nasceu a Maria... eu conto isso... tem uma cena da *Carroça* baseada nisso que eu estou falando... nasce Maria, daí começa a tocar violão! Aí veio o Antônio e eu disse: “nossa como que eu amo as poesias, amo a verve poética, a improvisação...” Aí veio o Antônio com esse dom incrível da improvisação! [Risadas] Aí pandeiro: “Nossa, caramba, que coisa linda que é a percussão, eu fico encantada com a percussão”... Aí veio Francisco pandeirista [Muitos risos]. Perna de pau! Sempre quis andar, mas quando eu subia, aquelas faixas apertavam as minhas pernas, e eu um pouco de questões com a circulação... e hora eu estava grávida, outra hora eu estava amamentando, ora era menino pequeno no colo, aí disse: “quer saber de uma coisa? Se eu levo uma queda aí de cima... não quero me arriscar! Tenho meus filhos pra criar” [Sorrindo] Então eu nunca andei de perna de pau... Ensino?

Ensino! Sei fazer, mas nunca andei de perna de pau. Aí o João anda de perna de pau...

Daniela: Que delícia! Essa história eu nunca tinha ouvido... [Risos]

Schirley: [e sorrindo ainda] É muito engraçado isso. Muito engraçado!

Daniela: Muito... Cada desejo... nasce um filho...

Schirley: Aí na hora que os gêmeos nasceram, então falo: “Meu Deus como é que é bom ser atriz!”. Duas personalidades, que quando eles estão em cena é uma potência! Hoje eu fico pesarosa... que desserviço eles fazem para a humanidade não estarem em cena, atuando como Birico e Latinha. Eu babo de ver a sincronicidade dos dois, de ver a sintonia, a perfeição, o capricho! É uma característica deles: organização, buscar perfeição em cena, estar com o texto na ponta da língua, e eles aproveitaram uma coisa em que eles são natos, que é a de fazer as coisas juntos... um fala e o outro continua... um anda e o outro está atrás... um vai ali, o outro já acolá... então isso levaram para a cena [...] E aí veio agora a Isabel, a coisa mais linda Isabel desenhando: “Meu Deus, quanta coisa linda, essa plástica!” Eu fico vendo as pinturas, os desenhos, eu amo essas coisas de gravuras, aquarelas... [...] E a Luzia! Criativa! Ela não se encontrou ainda na literatura, mas eu falo para ela que ela tem uma verve da literatura... das letras... e ela quer o autocuidado... ela quer homeopatia... quer a doula... ela quer trabalhar por esse caminho, que não impede uma coisa da outra. Então é esse olhar...

Daniela: Daí cada coisa que a mãe pensa vem um filho e faz [Risos]. E aí você vai lá fazer Pedagogia! Pegar tudo isso, no cerne de todos esses processos... organizar as ações, a transmissão dos processos na vida cotidiana... [...] E assim, aos pouquinhos, vai costurando as coisas com seus fios invisíveis... Então eu pensei em você, entrando no Curso de Pedagogia: “gente como vai ser essa mulher repleta de experiências na universidade, em um Curso

de Pedagogia? Ela vai dar um nó na cabeça desses professores e de todo mundo... porque isso é tão vivo nela, essa riqueza de experiências, um conhecimento vivo e vívido... nessa cátedra tão dura...

Schirley: Como eu, muitos colegas traziam vivências [...] Eu estava a vida por escutar... eu só posso falar daquilo que eu conheço, que eu vivenciei. [...] Então assim, eu precisei vivenciar coisas na universidade... sem me colocar... [...] Tanto que eu já lhe falei sobre uma professora do EJA [Educação para Jovens e Adultos] em sala de aula... ela estava defendendo, trazendo uma defesa contra a educação das crianças em casa.. que era absolutamente contra uma educação domiciliar. Professora de EJA... Jaqueline Ventura. Então, quando falou isso, ao mesmo tempo ela já falou: “eu só conheço uma experiência no Brasil, de uma família de artistas que viajaram pelo Brasil, uma família de uma mãe, um pai, oito filhos, e que é essa família educou seus filhos com sucesso, viajando pelo Brasil. E eu na sala de aula, nesse dia, sendo aluna dela! Eu fiquei... não esperava aquilo... aí meus colegas me apontaram dizendo a ela que eu era Schirley, a mãe da *Carroça de Mamulengos*. Ela ficou branca: “Não acredito, é você? Eu sabia que eu te conhecia de algum lugar!”. [...] Aí eu comecei na universidade a criar uma relação com os professores de igual para igual. Todos os professores se relacionaram comigo... [...] Por conta da minha idade, do meu histórico... [...] O que me fez estar na universidade é poder dialogar a partir dessa linguagem, para poder dialogar com as classes mais simples. [...] Isso me reconecta com a minha voz, com a minha possibilidade de reconhecer as comunidades, de falar do potencial que nós somos coletivamente, de dizer que nós temos condições de resistência. [...] E outra possibilidade disso estar em sala de aula comigo... As pessoas que passaram por mim sabem que estou falando e puxando as tradições populares, eu estou falando dos bois, das tradições, das festas, dos quilombos, dos festejos, então eu estou lembrando à Pedagogia que não é somente o que está sendo ensinado na academia, não são

somente esses autores mostrados, não é só esse PPP²⁴ [...] A escola é a comunidade, com os pais, com o entorno. Fica muito complexo de se desenvolver o processo educacional... a escola está fincada na comunidade! [...] Claramente você encontra professora que segue a receitinha, entende? Então até quando vai ser assim? Né? Então eu fui escapando, fui vivenciando com esses professores e fui escapando... [...] Os alunos da noite, estudantes trabalhadores, que estavam cansados tendo que ler coisas absurdas... Tem que ter leveza! E fui encontrando esses caminhos de leveza. Por isso que citei lá, laboratórios, aquelas experiências com a professora [...] quarenta pessoas descendo a escada emaranhadas em fios. Quando a turma toda desceu, nós já não éramos mais os mesmos... não tem como, através de uma experiência dessa, você ser a mesma pessoa. Nós fizemos isso, todos emaranhados... “Nossa, mas o que vão pensar?” Nada, isso é subjetividade! É o que estamos falando.

Daniela: Que depoimento lindo Schirley! Eu tenho que agradecer os bonecos, mais uma vez. Dos bonecos a gente chega nisso, na preciosidade dessa fala tão importante... que está olhando para esse lugar da academia friccionando do lado de dentro, provocando essas estruturas a mudar... e oxalá possa continuar fazendo isso e ocupar esse lugar mesmo! Tem que ocupar esse lugar na universidade, com esses saberes e fazeres, com essa consciência, com esse Amor, né!

Schirley: E marcar um lugar ainda requer muita conquista! O lugar da mulher bonequeira... protagonista da sua Arte! Ainda existe muita barreira para que se abram os espaços, para que se confie na artista MULHER... bonequeira... Para que ela mesma encontre seus espaços nos projetos, nos editais e até mesmo... imagina uma mulher bonequeira, acreditando que o espaço da rua é um de construção de saberes... e ela está brincando numa praça pública três

²⁴ Projeto Político Pedagógico, um documento que fundamenta os cursos de Ensino Superior (nível de graduação e pós-graduação) prática e burocraticamente. Sem um PPP que atenda a legislação vigente, não é possível o reconhecimento de um curso pelo Ministério da Educação.

vezes por semana... Quem vai garantir que ela não vai ter assédio, que não vai ser assediada? Quem vai garantir que as pessoas vão respeitá-la, como artista, quando ela estiver vestindo seus bonecos gigante? Quando ela estiver trocando a sua roupa na rua? Né! Então é um espaço que requer muito desbravar... ainda... não é um espaço que é natural na sociedade em que vivemos. A mulher artista, bonequeira protagonista da sua cena, do seu fazer artístico! E aumentou muito! Eu conheço muitas mulheres..., mas ainda é, digamos assim... ainda existe um... nós não falamos de racismo estrutural? Não é isso, mas ainda é uma... como eu posso dizer... [Schirley fica tentando expressar seu pensamento sobre um assunto ainda muito delicado] existe uma... tem uma palavrinha que me fugiu agora... não... não se dá abertura... existe... antes... se tem uma artista bonequeira, o bonequeiro homem vai entrar primeiro. Entende? Existe uma... uma certa... inferiorização. Eu vejo assim!

Daniela: Um machismo estrutural?

Schirley: [pensativa, repetindo a expressão] Machismo estrutural... existe um machismo estrutural que comanda alguns espaços de seleção. E não é fácil, uma mulher para poder brincar na rua e rodar chapéu, sozinha, como muitos homens sozinhos vão para as ruas, vários camelôs... e fazem suas rodas. Mas uma mulher sozinha na rua, fazer sua roda? Não é muito fácil. Eu conheci algumas emboladoras de coco no Ceará, a Terezinha e a companheira dela... Elas faziam uma roda impressionante lá na Praça do Ferreira, Praça José de Alencar... elas faziam rodas muito grandes. Mas, assim, não é muito comum. Muito mais comum até hoje você ver camelôs homens, rabequeiros homens nas ruas, artistas com bonecas de todos os tipos, também nas ruas... pegando a rua como exemplo... [...]

Daniela: [...] A primeira coisa que te trago no início se você se considera uma bonequeira, você diz: “tem uma vida inteira que eu brinco uma boneca gigante”. Isso é maravilhoso! E eu te vi [...] quando fui encontrar você no Rio de Janeiro, Niterói, em 2016, para pedir licença para realização da pesquisa. E aí

eu vejo aquela boneca gigante e aquela mulher gigante aparecendo com aquele monte de crianças em volta... ver aquela boneca ser vestida... a Felicidade... se vestindo ali, na frente das pessoas assumindo-se boneca desde um tempo mais remoto, lá na década de 80, em que se fazia era esconder as estruturas... e ver que ali não tem segredo... e que ao mesmo tempo, é tão raro, é tão forte, que aquilo é um segredo para a alma entender... [...] Então, gostaria de finalizar perguntando: O quê é que uma boneca gigante pode? Eu queria, Dona Schirley Bonequeira, que a senhora²⁵ falasse um pouquinho sobre essa boneca... Dona Felicidade!



Figura 5 – Estrutura vestida no corpo. Foto: Bené França.

²⁵ Ao chamá-la de Dona Schirley Bonequeira e usar o tratamento de *senhora*, faço uma brincadeira com Schirley, usando um tratamento mais formal que, desde o início de nossa relação, ela me pediu que não usasse. A fala, em tom brilhante e brincante, deseja enaltecer e ao mesmo tempo acolher uma experiência única: a de uma mulher que, como tantas, vai encontrando as formas de tecer seus saberes e fazeres nos cotidianos recheados de obrigações domésticas, maternas e conjugais de toda uma vida.

Schirley: Olha só... olha o nome... olha só como essa boneca foi batizada: Felicidade! Algo que vivi, que está colorido, pulsante! E aí, quando eu visto a boneca gigante, a Felicidade, eu não tenho 56 anos... aí eu não tenho idade, eu sou atemporal... Eu sou ... a Felicidade!



Figura 6 – Maria e Ana ajustam os últimos detalhes. Foto: Bené França.

Eu vou vestir uma personagem que tem a exigência de ser ela mesma, então ela vai com... vai pinotar... dar cambalhota... subir em uma bicicleta e andar. Ela vai brincar de pique-esconde, ela vai dançar coco, vai dançar uma ciranda, vai rodar, rodopiar, e quanto tempo vai durar isso?... Não sei. É o que ela veio fazer. Ela chega e se apresenta²⁶. Atualmente eu tenho contado histórias

²⁶ Aproveito aqui para destacar um pouco sobre a estética da cena da *Carroça*, reunindo as características de um teatro desenvolvido a partir da improvisação realizada em cima de uma estrutura (*como se fossem os cânones da Comédia dell'Arte*) com a influência das manifestações tradicionais, chamadas Brincadeiras, nas quais uma figura entra em cena para brincar, literalmente, em um processo espontâneo que se

com ela... um desafio muito grande contar histórias com uma boneca gigante, sem ter o recurso da boca, dos olhos... com o boneco contando histórias tem que se fazer muito mais esforço para que os braços da boneca alcancem o movimento da história. O jeito, o corpo da boneca auxilia na elaboração daquela frase. Então tem sido muito especial ter conseguido contar história com a Felicidade para um grupo bem grande de pessoas... e elas ficam paralisadas... escutando a Felicidade contar história. Então assim... É algo mais desafiador do que seu eu, sem vestir a boneca, contar a história para você, com meus recursos corporais visíveis. A boneca Felicidade é esse potencial. E os bonecos gigantes, eles trazem isso para nós. Se alguém quiser instruir uma boneca gigante, tem que ter esse potencial, essa habilidade de você brincar com ele [...] Ele tem uma vida própria e o personagem-boneco se impõe ao bonequeiro. O personagem se impõe ao bonequeiro! E não o contrário. Eu sinto assim quando eu brinco a Felicidade. Respondeu?

Daniela: Totalmente, não tenho nem palavras. [...] É um outro lugar de existir... É como você diz Schirley, o boneco diz quem é... e a que veio... e a gente acompanha. É lindo! É maravilhoso! E é gigante essa Dona Schirley! Muito agradecida!

Referências

- FRANÇA, Schirley. Entrevista do ACERVO DE VOZES (Pesquisa Companhia Carroça de Mamulengos). Realizada em Taguatinga-DF em janeiro de 2020.
- FREIRE, Paulo. NOGUEIRA, Adriano. Teoria e Prática em Educação Popular. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- GOMIDE, Maria. Folder produzido para divulgação da temporada de comemoração dos 40 anos da Companhia Carroça de Mamulengos no Teatro Caixa Cultural em Brasília-DF, em janeiro de 2017.
- MEIHY, José Carlos Sebe. Manual de História Oral. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

desenvolve no calor do contato do brincante com o público presente. A brincadeira não tem um roteiro pré-definido, ela simplesmente acontece. Como a cena.

- _____. HOLANDA, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2011.
- NUNES, Odília. Depoimento do ACERVO DE VOZES (Pesquisa Companhia Carroça de Mamulengos). Recebida via WhatsApp em Florianópolis-SC em 21 de janeiro de 2020.
- PIMENTEL, Altimar de Alencar. O mundo mágico de João Redondo. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Fundação Nacional de Artes Cênicas, 1998.
- SANTOS, Fernando Augusto Gonçalves. Mamulengo: um povo em forma de bonecos. Rio de Janeiro: Edição FUNARTE, 1979.
- SEIXAS, Cristiana. Depoimento do ACERVO DE VOZES (Pesquisa Companhia Carroça de Mamulengos). Recebida via WhatsApp em João Pessoa-PB em 07 de junho de 2020.
- VILAR, Anna Rosa Azra. Depoimento do ACERVO DE VOZES (Pesquisa Companhia Carroça de Mamulengos). Recebida via WhatsApp em Uberlândia-MG em 20 de julho de 2019.